**Universidade do Estado da Bahia (UNEB)**

**Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americanos – CEPAIA**

**Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF)**

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Cultura Negra (PPGAFIN)**

**Curso de Extensão “Nós somos a história da Bahia! 200 anos de memória e protagonismo negro em Salvador”**

LUCINEIDE AZEVEDO CARDEAL

JORGE ANTÔNIO DOS SANTOS

MIGUELCAMAY RAMOS DE OLIVEIRA

**ENTREVISTA**

**JORJÃO BAFAFÉ**

**JORGE SACRAMENTO DE SANTANA**

SALVADOR

2023

“O Engenho Velho de Brotas é um dos principais redutos negros de Salvador, um bairro de forte tradição afro-brasileira com muita história para contar. O bairro originou-se da Fazenda Boa Vista e era conhecida como “Roça dos Machados” – localizada na freguesia de Nossa Senhora de Brotas. A antiga “casa grande” do engenho ainda existe (Solar Boa Vista), foi construída no século XVIII pelo mercador de escravos Manoel José Machado. Ele construiu a “Casa da Torre”, como também é conhecida, para observar o movimento de chegada dos navios negreiros, já que dali se podia avistar o mar. Mais tarde, depois de pertencer a mais duas famílias (1824 e 1831), em 1858, o Solar foi comprado por Antônio José Alves, pai de Castro Alves.

Foi lá que o poeta, pouco antes de morrer, compôs os últimos versos da sua obra: “Espumas Flutuantes”, um poema que clama liberdade para um povo oprimido (os escravos). Vale destacar que o Engenho Velho de Brotas também foi moradia de outros grandes artistas como Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional, e do artista plástico Pierre Verger. Inclusive, no local onde era a sua residência hoje funciona a Fundação Pierre Verger.” *(Em 30/05/2023* [*https://engenhoca.wordpress.com/historia/*](https://engenhoca.wordpress.com/historia/)*)* Elegeu se para ser entrevistado o Sr. Jorge Sacramento pelo seu notável protagonismo social e musical no Engenho Velho de Brotas.

**Boa tarde! 23 de julho 2023 e na presença do senhor Jorge Sacramento de Santana, gostaríamos de saber um pouco da sua história. O que o senhor nos quiser contar, a sua história, a sua trajetória, onde nasceu. Sabemos que o senhor nasceu no Terreiro dos Jacun, como percursionista, como tudo, gostaríamos de ter os momentos da sua vida. O que o senhor nos quiser contar.**

Bom, boa tarde. Meu nome é Jorge Sacramento de Santana, conhecido no meio artístico como Jorjão Bafafé. E a minha educação, ela começa dentro de casa aonde eu nasci e me criei. Em casa. Nascemos dentro de casa. Eu falo, quando eu falo dentro de casa, porque naquela época não tinha maternidade nem essas coisas. Era a parteira que vinha aparar a gente dentro de casa. Então nascemos aqui no terreiro Ilê Axé, aquela energia de Ogum, na Rua Manoel Faustino, 26, Engenho Velho de Brotas, muito conhecido como Praça dos Artistas, hoje conhecido como Praça dos Artistas.

Então, essa influência cultural, musical, artística, tudo vem, tudo vem da ancestralidade e vem de dentro do terreiro “ala beiji de Ilê axé” de energia que é o candomblé da minha avó Maria Amélia do Sacramento, conhecida como Amélia, a ialorixá Dulce Amélia, que é falecida e adquiri esse conhecimento, essa vocação cultural através do candomblé, onde nós começávamos a aprender a ler, e a escrever no terreiro. Quando a gente foi para a escola primária, já fomos para o segundo ano primário, porque a carta do ABC, cartilha de tudo isso, nós aprendíamos dentro de casa, com os professores e o terreiro. Ele (terreiro) tem essa importância. Uma das coisas mais importantes de um terreiro é a educação. A Yalorixá, minha avó Amélia se preocupava com a educação, com o ensinamento dos netos dela. É, que, no terreiro se reunia muita gente, professores, médicos, e, todas as classes sociais que encontrava aqui. Nós íamos aprender, a ler, a escrever o ABC, o bê-á-bá, o bê-e-bé. E quando nós chegamos para a escola, já fomos para o primeiro ano de que o A e o B. E nesse mesmo ano a gente já passou para o segundo ano. E então essa é uma das coisas mais importantes para a nossa formação como pessoas, como o cidadão, cidadã. Essa forma de pensar, essa educação, é tudo que o candomblé da minha avó negra nos deu, entende? É a partir daí que eu começo (meu protagonismo social).

 Finalmente ela, como era uma líder espiritual, e que, ela conseguia agregar esse bairro todo aqui dentro de casa. O bairro do Engenho Velho agregava aqui fazendo a caridade, hoje conhecida como o social, fazendo social, mas naquela época chamava-se Caridade, dando para aquelas pessoas que não tinha. E a vovó já fazia isso muito bem. E tudo isso eu conheci. Não foi aí fora com política, não. A política aqui dentro, a política que nos deu essa visão eu adquiri aqui dentro. Ela (minha avó) fazendo esse social, que chamava-se caridade, e (que) as pessoas tinha muita. Acreditava muito nela, porque (o que) ela fazia, o orixá dela também fazia. E foi assim que nós fomos convivendo e vendo. Somos quatro irmãos, dois homens, duas mulheres e nós fomos aprendendo aqui com Lita, Jacira, Mário e eu, Jorge, conhecido como Jorjão. Então essa foi a nossa educação aqui dentro do Engenho Velho, nessa casa e onde eu parto para ser o profissional e eu (por) ter já um conhecimento vasto dentro de uma comunidade e passo ser (protagonista), segui o mesmo passo, como da minha avó Amélia, seguindo essa coisa. Aliás, nós aqui somos bem assim mesmo, somos assim. A gente seguiu essa forma de ser, de ser o líder de dentro da nossa casa e ganhar a confiança dos outros na escola. Então essa formação realmente é importante para todos os quatro da nossa família. E quem está chegando como netos, sobrinhos, filhos também segue o mesmo passo, porque essa foi a forma, a formação que elas nos deram, as nossas ancestrais. Então eu entendi. E aí, (é) quando eu começo a ser reconhecido como um músico, ser reconhecido como um líder, ser reconhecido como um artista, ser reconhecido como aquela pessoa que sempre esteve nós a disposição de uma comunidade.

Já estava mais fácil porque tudo passou por essa linha, por esse avanço que nós estivemos. Foi como se fosse assim. Ah, não é igual. Mas eu sempre digo essa foi a nossa faculdade. A faculdade é importante, é que a gente depende do papel, é importante, mas essa é a faculdade do ensinamento, da oralidade. É isso que a gente foi, foi o ponto de partida pra isso, para a gente conhecer a cidadania, a nossa, se dar cidadania como cidadã, cidadãs e isso tudo e sempre. Eu volto a falar do terreiro. Mas aí vem o desmanche, o lado artístico e como esse lado artístico melhorou muito mais que a gente e começa a conhecer o cultural do nosso bairro. E o mais porque esse cultural que vem do candomblé não tem jeito. Toda essa ligação vem do candomblé e aí a gente começa a ouvir dizer: olha, na casa de fulano tem um ensaio. O mestre Bimba vai ensaiando na Vila América, Ladeira da Vila América, na casa de cabelo de Oxóssi, o primeiro capoeirista a ter uma academia, nasceu aqui no Engenho Velho de Brotas. Ali, o mestre Bimba, na Ladeira conhecida como Ladeira do Corrupio, hoje Ladeira da Vila América. E aí vem a Fundação Pierre Verger, que é ele de Gegê, sai da terra dele e vem para a Bahia.

E aí ele começa, ele viu o que ele queria aqui era muito importante. Pierre Verger também foi assim, uma pessoa muito importante. E o Badauê, quando surgiu esse afoxé criado pela gente com suas ideias, que o presidente da época era Moa e Pierre Verger foi o conselheiro do nosso afoxé. Tinha muita informação cultural. Moa ia lá, eu ia com ele até lá para ver as fotos para as pesquisas. Então foi muito importante mesmo a formação da gente com a criação desse afoxé que abriu de tudo que o bairro tem pela cultura natural. A cultura, que é uma cultura própria, continua ainda viva, dizendo eu estou aqui, eu não abandonei ninguém. Então está meio distorcida porque tem muitas informações, mas continuamos ainda fazendo o bairro respirar cultura que já nascemos, encontramos essa formação, esse lado cultural. Começando pelo Parque Solar Boa Vista, ali do Manuel Machado, o dono da época, o mercador de escravos e ruas aqui com nome de heróis e heroínas, Manuel Faustino, herói da Revolta dos Búzios. E isso com seus companheiros. Aqui tem rua, essa rua nossa aqui e com o nome deles, o líder Manuel dos Santos Lira, Travessa, Manuel Faustino, Ladeira Manuel Faustino, onde ele passava aqui e ia encontrar com os amigos da Revolta dos Búzios, onde João de Deus busca todos eles para se organizar para o levante. Não era para combater a livre igualdade e a luta pela igualdade, esqueci agora, o restante das coisas está sumindo, é a luta deles ali por essas causas!

 Foi muito importante para nós hoje que estamos aqui nessa luta de liberdade e igualdade. Isso foi muito importante e eles se reuniram aqui no Dique, a usina aqui embaixo. pela Fonte, hoje é a Fonte Nova. Então, o que eu quero dizer é o seguinte que o Engenho Velho tem sua cultura própria. É um bairro que inspira muitas culturas que realmente a gente consegue nos afirmar. Pelo menos eu consigo me reafirmar quando como cultura, passando pelo candomblé, quando sai, a gente tem esse presente, essa coisa forte e viva que está aí pra gente. E eu falo muito do Engenho Velho como ele é. A função desse bairro. A função de algumas pessoas é a tradição de tudo que nós temos aqui dentro do Engenho Velho, como grupos, como o encontro de jovens que a gente fazia na época, tudo isso nos deu essa formação. A gente é muito importante porque foi aqui que eu me encontrei. Eu não aprendi falar de cultura lá fora. Nós aprendemos aqui dentro, dentro de casa, para Rua do Engenho Velho, em qualquer lugar. Aqui a gente sente. Pelo menos eu sinto essa força ainda do lado da palavra, dos líderes, dos ancestrais.

Isso para a gente, para mim, então, é muito importante mesmo. É a forma que eu fico. muito à vontade para poder falar um pouco do Engenho Velho. Foi o que eu estava dizendo. Todos os bairros têm essa cultura, tem a sua cultura. Só é procurar ver que vai descobrir agora. Para mim nasci aqui e já sabia de muita coisa. Ajuda essa ajuda que nós estivemos, passa mesmo pelo candomblé. Assim eu não vou negar nunca, dizer que não. Para mim foi dessa forma. A minha formação cultural vem do terreiro de candomblé. A minha formação musical vem de terreiros de candomblé. A minha educação de base vem do terreiro de candomblé, a minha ancestral, a minha política cultural vem de terreiro de candomblé, entende? Então hoje eu faço essa fala dessa forma, porque a minha base é a ancestralidade. Eu falo um pouco dessa liderança, essa liderança de grupo, liderança, culto cultural e vem daí, vem disso esses grupos, a influência, trazer para dentro, mostrar pros outros companheiros da gente que nós estamos. Temos um pouco. Eu falo sempre que nós temos o DNA cultural, tem o pelo, tem o Curuzu, tem o Sussuarana, tem o Nordeste, tem toda a cidade. Engenho Velho está aí também com a sua herança cultural.

**Eu, nas minhas pesquisas, eu vi que o senhor começou a percussão aos oito anos. Então esse seu início de oito anos até agora, como esse percussionista, professor, pra muitos não é inspiração para muitos.**

**Como é que o senhor se sente tendo começado com oito anos, que hoje, no momento, a gente vê que não é uma coisa para todas as crianças, nem todas as crianças em várias situações, apreciam isso. Mas para o Senhor, como foi o início da sua carreira profissional?**

Eu estou dentro da formação da percussão, que hoje me torna um profissional e vem desses ensinamentos aqui dentro de casa, no candomblé, aonde minha avó dizia ensina para os meus netos a tocar o atabaque e mais tarde que vai fazer a festa do meu Orixá. São eles então todo o ex Ogãs da época que passaram aqui, Ogãs do canto lá da Casa Branca, nomes muito grandes da época que vinham fazer, que tocavam em todos os candomblés da cidade. Todo esse grupo é um grupo de homens, de Ogãs antigos que vinha a fazer o candomblé da minha avó. E a partir daí eu fui vendo e fui gostando e eles foram me ensinando. Vovó contribuiu muito e na realidade, quando a gente começa a ficar adulto, a coisa já muda. Já tava já, né? Já na frente disso, dessas organizações, juntamente com ela, com minha mãe ou meus primos da época, que também estavam aqui ainda em vida.

E foram com eles que a gente foi aprendendo a lidar com tudo isso. E a minha inclinação para a música veio através dos atabaques do candomblé, não tem jeito. Quando eu despertei a Bahia com seu carisma musical muito forte e no carnaval, e no carnaval eu não pudia ainda sair, pois estava com 15 anos. Aí sempre tem alguém mais bonito. Dona Nieta, eu vou levar o seu filho pra o ensaio de um de uma escola de samba, na época, vê lá nos anos 60, filho do Tororó, Garcia Tororó. E eu ia com eles para o Rio e fui tomando gosto pela coisa. E aprendi com eles a ser o Ogã que era mais há mais tempo. Agora o interesse da minha avó era que aprendi a tocar e de fato a gente aprendeu. E quem abria os candomblés, os toques éramos nós. Era eu, o mais velho já tocava o rum, rum pile e o le e o agogô e quando eu despertei para a música já ficou fácil aquilo que eu faço, porque eu já estava. Mas isso aqui eu faço daqui a pouco, quando o carnaval muda e sai de uma coisa, porque a cada ano a coisa aqui do carnaval musicalmente muda. E quando o carnaval, ele começa a despertar que os negros dos blocos, das batucadas, do afoxé são importantes para esse segmento que chama-se carnaval.

Aí já começaram a cantar músicas, usar axés como Gil, Caetano e outros mais. Fazia já. E o estilo começou e a gente começou a emigrar. Um trio lá só pra tocar os atabaques do afoxé que eles não tinham. Eles tinham os outros instrumentos, como baixo, bateria, mas não tinha quem tocasse, que só quem tocava candomblé era negro, eram os negros. Hoje não. Hoje os brancos estão tocando, estão aí dentro do campo do candomblé e aprendendo. Está tocando os nossos, as nossas coisas. Mas e aí? Começou a imigração para o trio elétrico. E aí? Aí ficou fácil para mim, que eu já fazia, já sabia. E depois disso eu fui aprendendo outras coisas. A Bahia é muito rica, nesse caso, com a cultura da música. Aí eu fui aprendendo outros ritmos que foi chegando aqui. O afro africano, o afro americano, o afro cubano, o afro de todas as espécies que chegavam aqui a gente tinha como obrigação de aprender para poder tocar nos trios elétricos. Até que chegou a vez do axé. O nosso axé, é diferente do axé que eles criaram aqui. O nosso axé vem de um encontrar com o outro, vem dos blocos, das escolas de samba, das batucadas, dos blocos, dos afoxés. Então, na década de 70 a gente já se cumprimentava um com o outro.

Axé, meu irmão, Axé, meu irmão. Eu era o axé e meu irmão era quem tocava o atabaque “daputa” “daputa”. Esse ritmo que foi o carnaval da Bahia até encontrar esse ritmo ijexá. Encontrar dos afoxés em um, encontrar com o ritmo das bandas de trio elétrico. E que é que deu? O axé music é uma outra história e uma outra coisa para se contar. Eu estou falando como músico. Então entendi que então nós, ogãs, tocadores de atabaque, músico, instrumentista, negros dos blocos afros do afoxé, vem dessa linha mesmo. Aquele que não, que não é do candomblé, aprendeu com quem é de candomblé tocar o ijexá. Eu estou fazendo um trabalho, vou fazer um trabalho recentemente, tem uma ex-aluna minha que está vindo aqui, que estou ensinando para ela que eu vou fazer um trabalho e ela não tem esse conhecimento, mas já manobra os ritmos. Aí eu estou passando para ela e justamente essa coisa para não se perder do ijexá, da música para ela. Então esse é o meu papel. Eu continuo nessa coisa, eu continuo, me apresentando. Segunda, amanhã, nós vamos nos apresentar no Center Lapa, mostrando um pouco do samba duro e junino que nós criamos aqui. Lá no Center lapa, lá para 17h00 nós vamos nos apresentar. Dia das avós, né? É o dia 25 agora, lá amanhã e dia 30 tem o lançamento do meu vídeo, de um documentário aqui em casa no barracão, domingo, dia 30 agora.

Agora dia 29, eu tenho um encontro com 25 das pretas aqui no teatro solar (Boa Vista) para falar um pouco do teatro das coisas que precisa. Enfim, é um movimento. Dia 28, sexta feira, eu tenho um encontro que Nelson Maca, o professor de literatura Nelson Maca fez uma vez o convite para a gente se apresentar 15h no Axé Apó Afonjá. Agora, sexta-feira, dia 28, ele vai falar, vai fazer um pouco de poesia literária, aonde eu pesquisei com ele e consegui musicalização, a poesia dele que ele faz a poesia e eu faço o ritmo. É uma poesia ritmada com as congas, entende? Então, eu encontro sexta feira também 09h00 com as crianças do Engenho Velho de uma escola para falar um pouco da cultura do Badauê do bairro do Engenho Velho, entendeu? Então ela continua. Culturalmente, a coisa continua funcionando não em grande escala, mas em pequena escala. A gente continua fazendo, mostrando e dizendo “Opa”, esse espaço é meu, estou aqui presente e o importante é falar um pouco disso, falar que a cultura nossa do Engenho Velho ela continua, o bairro continua firme, forte e se organizando para melhor. Então, a minha formação musical vem de tudo isso aí até quando eu chego lá fora, né? Como profissional para tocar com Jimmy Cliff foi a minha turnê que eu fiz com o Jimmy.

Foi ele que me deu uma síntese. Mas antes disso, muitas outras pessoas. Comecei tocando com Lazo, o Araketu, Ademar da banda Furta-cor, Deus o tenha. Eu fui o vice-presidente Badauê que o Moa era o presidente. Depois, a minha madrinha, eu saí do Afrouxe e criou o Okambuí, que eu continuo hoje sendo o diretor musical, o artisticamente fazendo. E já estou me preparando para o carnaval de 2024 para fazer um trabalho que eu gosto. Ficamos três anos sem ter o carnaval e é esse agora. Não foi muito bom para mim, mas eu queria ver agora se garanto de 2024, entende? Então, culturalmente as coisas e as portas vai se abrindo, as coisas vão funcionando, continua a música, chega ser como um marco ou uma forma, você tem a obrigação de se preparar profissionalmente. É o que eu faço. Entendeu? Com a minha pesquisa, com meus estudos, pesquisando, lendo, vendo, buscando outros, vendo outros também, acompanhando o mundo, a música é do mundo, a comparação com a música, com uma, com a outra. E felizmente nós temos um caminho bem vasto sobre quando se fala de cultura, quando se fala em profissionalismo, aliás, na parte musical artística é muito ampla para mim e eu gosto disso. Eu gosto disso, de estar fazendo esse, esse campo, esse link com a cultura, com a música, com o lado profissional.

E é o meu para o profissional, vai chegar a ser que eu sou hoje. Vem daqui de dentro, vem do terreiro de candomblé. Sim, a minha musicalidade é a minha partitura. A minha faculdade começa aqui, dentro do Engenho Velho, dele próprio, com essas ações da cultura. Então, a cultura pra mim é muito importante na minha formação como pessoa, como gente, como homem e como filho do Engenho Velho. E sempre eu tenho alguma coisa a acrescentar. É 24 horas fazendo isso, escrevendo as músicas, tocando. Porque eu não sou violão, violonista não. Mas quem é que quer aprender umas quatro, cinco notas para poder desenvolver o meu trabalho pessoal e que de vez em quando, me aparece as coisas e eu estou lá. Não estou? Continuo na ativa, porque as pessoas acham que tem que estar com a cara na televisão toda hora. Não, não é isso. Continuo fazendo as coisas certas em pequena escala, porque naquela época eu tinha o Araketu, que eu viajava, estava presente. Hoje eu já viajo muito pouco mesmo, certo, mas aqui dentro. Mas fazendo o lado cultural, o lado artístico e o legado, deixei (de viajar) para deixar um legado aí que realmente ainda tem muita coisa pedindo a Deus que te dê essa condição que diz essa, com essa condição que está mostrando, está desenvolvendo, está contribuindo ainda com o que eu posso contribuir. E eu me sinto bem assim. Quando estou fazendo alguma coisa, estou contribuindo, estou dentro da minha parcela de contribuição. Isso me ajuda muito a crescer.

**Além dos atabaques, quais outros instrumentos você também toca?**

Além de percussão? Eu toco tudo de percussão, de percussão, toco tudo da música baiana, a música africana, o de Nzambi, tudo, tudo de percussão, bateria um pouco. E aí hoje, hoje eu estou. Eu toco um bocadinho do violão, um pouco, eu vou aprender agora teclado que já tenho. E porque eu me lembro que Jimmy Cliff, na última turnê que eu fiz com ele, ele disse: “que instrumento você tocar”. E aí ele disse: “você tem que aprender tocar aqui é bom tecladista, faz igual aqui”. O que tem de entender é que eles são assim, eles lá fora, o pessoal, toca aqui também (outros instrumentos). Tem muita gente que toca tudo, mas essa curiosidade pelas cordas vem de muito tempo. E quando eu fui tocar com o Jimmy, e, ele falava isso, e ele fez: eu sou cidadão do mundo, e realmente eu vi que ele é um cidadão do mundo mesmo, então isso me ajudou muito na minha formação. Então, tudo de percussão eu toco. Quando não toco, eu crio os instrumentos para poder desenvolver e estou querendo ver se eu faço um trabalho agora, nessa linha de criação, de desenvolver não só a percussão, porque a percussão tem vários lados, tem a percussão de efeitos sonoros que eu fiz um pouquinho agora no Reels. Nesse documentário eu mostrei um pouquinho do sonoro, que é o sonoro, porque é a percussão de efeitos, não tem.

Então são coisas que aqui não se levam a sério. É pena que a nossa Bahia não leva, não leva a sério. A gente tem uma riqueza, mas a gente não começa a riqueza aqui. Assim você aprende aqui e você tem que sair daqui pra fora. Aí, quando você volta, você é reconhecido. Isso aconteceu com todo mundo e comigo também. Fiquei aqui, vi que aqui, fiquei aqui. O dia que eu fui lá fora, passei três anos lá fora tocando não só com Jimmy, mas com outros também. Aí quando roda aí alguém (que) já viu meu nome lá entre os melhores do mundo, aí já muda. Mas para mim continua a mesma coisa, na minha, quietinho, fazendo a minha pesquisa e não perdendo essa (oportunidade). Não tô perdendo o foco do que está acontecendo na música, no mundo, porque pesquiso em músicos do mundo como Fela Kuti, dos anos 70, um nigeriano, um africano. Fela Kuti criou um movimento, criou um estilo próprio de fazer a sua música, de sua pintura no corpo. Ele pintava e foi um revolucionário da música. Ele falava do país na música, na forma dele se pronunciar, na forma dele cantar muito.

Foi um líder um dia, apesar de, ter algumas coisas que... Mas ele foi o líder. O país lhe ofereceu isso. Um país até tem um sistema muito pior do que o próprio Brasil. O Brasil, né? O pior, então. Ah, então esses músicos negros de lá já tem uma outra visão de ver, não é? Não tô dizendo que o país da gente é um faz de conta, mas eu sei (que) deixa muito a desejar. Então eu me transporto para esse pessoal, Bob Marley, Jimmy Cliff, Fela Kuti e aí vem uma série de artistas negros que pensa no social, não pensa só nele, pensa no social. Eu toquei com o Jimmy quando eu retorno da Jamaica e vim para aqui, uma semana depois eu recebo um convite de Jimmy, volta aqui para tocar comigo no Caribe. Aí fui lá, peguei a passagem e tinha passagem, tudo lá. Me deram a passagem, peguei o avião, só parei em São Paulo, de São Paulo, peguei outro e fui para Jamaica. Passei sexta, sábado, domingo, segunda-feira e retornei. Passei lá e me botaram no hotel e fui com o Chris tocar lá na Jamaica. É um show beneficente, um show que a renda foi em Kingston, aonde eles nasceram. Bob lá na área aberta estava também até na época. Gil estava tocando lá. Falei com Gil, falei CD aí Jimmy Cliff eu perguntei a finalidade desse show. Ele disse esse show é para arrecadar. E esse dinheiro? Fica nas instituições da Jamaica. Um monte de horas cada. Cada ano ele escolhe a cúpula, escolhe um país para fazer esse show e o dinheiro fica para instituições que os artistas de redes sociais se preocupam com isso. Eu fico com inveja com os artistas daqui. Eles não fazem esse tipo de movimento, não mobilizam, você não faz. Aí que eu bato a palma pra cima. Eu não vou bater palma para ser artista. Fico sem nada dele no barco. Não vou citar nomes, mas eu não bato palmas, entendeu? Eu vou bater palma lá fora com a Jimmi Clif, Fela Kuti, Bob Marley e todos eles. As mulheres de lá são revolucionárias, são de luta. Quer dizer, as mulheres de agora, Latina, do Caribe. Elas estão reunidas agora no dia 25 para discutir políticas, as negras. É isso. Então, às vezes eu fico dizendo que ficou xeretando, sei lá, vai entender. Desde que eu nasci. Mas é a cabeça das pessoas. Como é, não é? Nós estamos muito longe. E de muita coisa que eu vi lá fica muito longe mesmo. Mas cada um tem o país que merece.

**Com tudo isso que você relatou. Qual a sua maior felicidade? Nas minhas pesquisas, eu vi que tem alguém famoso que lhe tem como inspiração aqui do Engenho Velho. E alguém não tão famoso como a comunidade ou ao entorno. O que lhe torna muito feliz nessa sua trajetória?**

Olha o que O que me torna muito feliz é nascer no bairro chamado Engenho Velho de Brotas, que me deu toda uma visão cultural e me deu uma visão social, me deu uma visão de respeito e me botou no mundo. Então é isso. Eu falo do Engenho Velho nesse contexto e eu tornei-me um cidadão, eu e meus companheiros, meus companheiros, né? Muitos não se viram, artisticamente falando, mas seguiram para outras áreas. E a gente continuou juntos, fazendo eu seguir. Eu sigo a área X e quando eles estão seguindo em outra área, é doutor nas suas áreas educacional ou na área dele. E eu sou doutor na minha área e é o bairro Bom, sempre disse, e digo, gosto muito do Engenho Velho, onde eu nasci e me criei aonde a minha avó fincou (nossas raízes). Aqui é meu, entendeu? E com muito suor investiu nesse terreno que a gente conseguiu reconstruir uma outra casa. Então, os vizinhos são bons na hora que eu gritei me acode. Então eu posso falar dessa forma, ser cidadão desse bairro, ser morador desse bairro e hoje contribuindo com a formação cultural desse bairro que vem de um terreiro de candomblé. O músico percussionista Jorjão Bafafé, que vem do terreiro de candomblé, pode falar assim que eu adoro.

Essa é minha formação. Não tem outra, não tem outra coisa pra falar contra, não é todo cidadão da minha época e cidadã que seguiram da minha geração, é assim mesmo. Hoje já fica difícil eu falar com propriedade dessa geração que está, mas ainda continuamos vendo pessoas que são ligadas, gente que segue o mesmo caminho pelo que os pais já passaram com a gente e a nossa geração hoje são filhos de Caim. Estamos seguindo, criando dois filhos na mesma direção, com a mesma condição educacional para servir na realidade. Isso tudo eu estou falando da cidadania. Cidadania é importante, não tem tempo. Cidadania é importante. A preocupação da luta de um mundo é isso, é ser cidadão num país, ajudando o outro e interagindo com o outro. Vamos acabar com a guerra que não tem nada a ver o que está acontecendo entre dois países que não vou citar o nome. E não é isso. Uma maneira de viver a guerra para mim não significa nada e para muitos sou eu. Então é o que eu falo. Não é que eu prefira meu país, que é dessa forma. Era para ser muito melhor no país rico, farto, mas ainda a gente vê muitos absurdos, né? Então, eu até mudei um pouquinho.

**Eu estou aqui embevecida porque eu só tenho a agradecer, agradecer, agradecer. E quando a gente tem uma pessoa negra de terreiro como referência, hoje em dia a ancestralidade é muito importante. E poder ter dividido esse momento com o Senhor, para mim foi muito importante, muito importante mesmo. Então, muito obrigada.**

O que eu gostaria de dizer é ver de novo o país organizado sem violência. O Brasil é um país que é diferente dos outros países, que tem um clima muito bom e nós não merecemos estarmos passando por feminicídio, violência e uma série de coisas. A violência com criança, com mulheres, com o próprio homem. É certo que o homem parasse e olhar para trás, porque a vida é para todo mundo, não é para um só. A vida é para todos, melhor para nação, entendeu? E gente, então eu gostaria de dar um basta nisso que está acontecendo aí, porque está muito triste isso que está aí, essa violência. Liga a televisão, a gente só vê. E é a gente que faz arte, que faz a música, que faz a TV, a literatura que está envolvida com o teatro. A gente é disso, é de paz e muito trabalho. Que deixe essas pessoas todas caminhar como Deus quer para nós, jovens. Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado